Por Bernardo Brum

Eis que depois de sofrerem severas críticas devido à comédia *Matadores de velhinha*, os irmãos Joel e Ethan Coen voltam com um filme que está sendo tão comentado e elogiado quanto os acertos anteriores, *O homem que não estava lá* e *O grande Lebowski*: trata-se do western *Onde os fracos não têm vez*.

De início, já somos apresentados a um intrigante monólogo feito por Tommy Lee Jones, que na trama vive um xerife de polícia quase aposentado e perplexo com os tempos cada vez mais e inacreditavelmente cruéis. É introduzida então uma história passada no Texas contemporâneo, ainda mais cruel e desumano que aquele do tempo das diligências, onde o ex-combatente do Vietnã e caçador Llewelyn Moss (interpretado por Josh Brolin) encontra perto do Rio Grande uma fracassada transação ilegal cujos resultados foram vários corpos mortos a tiros, uma maleta cheia de dinheiro e um grande carregamento de drogas.

Como a ganância humana normalmente aconselha, Moss pega o dinheiro e vai para a sua casa. No dia seguinte, ao voltar para a cena do tiroteio, acaba sendo avistado por dois misteriosos homens, que atrás dele enviam o assassino de aluguel Anton Chigurh. O responsável por viver Anton é o ator espanhol Javier Bardem, que após fazer bonito em películas de Pedro Almodóvar e Alejandro Amenábar, desembarca na terra do Tio Sam para trabalhar com os irmãos Coen e de quebra ainda nos entrega um dos melhores personagens de sua carreira: não há uma cena em que Bardem vacile na interpretação, sempre nos dando a plena consciência de que estamos frente a frente com um alguém frio, sádico, de comportamento fanático e sem nenhum senso de humor. E que ainda por cima usa arma feita com cilindro de oxigênio.

Como sempre, Joel e Ethan usam e abusam de seu talento para o suspense e o a influência do cinema e da literatura *noir*. Dessa veia favorável ao congelamento de espinhas chegam cenas em que é praticamente impossível piscar os olhos, como por exemplo, o momento que Llewelyn foge desesperado do ataque furioso de Anton, e na seqüência em que atravessa a fronteira, gravemente ferido e desnorteado, onde os Coen conseguem inserir desde medo até oportuno humor, mas nunca sem abandonar o nervosismo que a cena pede.

Já o lado inspirado na época mais depressiva do cinema policial clássico vem nas grandes injustiças, em que homens demasiadamente mortais tentam corajosamente sobreviver em um mundo de bandidos impiedosos e com uma força de polícia vagarosa e perplexa com os crimes cada vez mais brutais. E também, entre as muitas mortes brutais, algumas são parcial ou totalmente suprimidas, só se mostrando lances, filmando suas conseqüências ou apenas sugerindo, em uma elegância digna de Alfred Hitchcock.

Um detalhe peculiar: este é um filme da dupla que não apresenta trilha sonora. A estranheza parte do fato de que, assim como muitos diretores clássicos, Joel Coen é um grande utilizador e apreciador desse elemento em suas películas. E isso acaba sendo uma faca de dois gumes: se por um lado é dada maior atenção ao enredo e o resultado no geral mais fica mais cru e agressivo, por outro acaba deixando certos momentos mais arrastados do que deveriam, cujo espectro de tédio

só é exorcizado quando nosso estimado Anton resolve descer chumbo e destilar tensão pra tudo quanto é lado.

E não pensem vocês que só na parte de matança que o filme é marcante. Temos aqui afiados diálogos, principalmente nas cenas protagonizadas por Tommy Lee Jones. Ele consegue transmitir dureza, sensibilidade, indignação e experiência de forma muito natural e segura, fazendo deste um de seus papéis mais marcantes desde filmes como *Assassinos por natureza* e *JFK – A pergunta que não quer calar*.

Mesmo tendo minhas ressalvas aqui e ali, *Onde os fracos não têm vez* beira a perfeição. Merece cada uma de suas indicações ao Oscar e ao Globo de Ouro – principalmente por parte de Javier Bardem – e mostra que os *brothers* Coen ainda têm muita lenha para queimar. Não recomendável para quem, assim como o personagem de Tommy Lee Jones, anda cada vez mais desacreditado do mundo. Joel e Ethan continuam acreditando que o direito de sobrevivência pertence ao mais forte, por mais injusto que isso seja.